



O INIMIGO ESTÁ AO LADO

A noção de heresia é obra dos padres da Igreja, em sua polêmica contra os dissidentes

Marília Pacheco Fiorillo

Resumo: Curiosamente, a idéia de heresia nasceu simultaneamente ao discurso da fraternidade universal. Pois a figura do *herético* é uma das mais originais invenções da Cristandade. É só com o desdobramento da doutrina cristã, que ganha novos contornos em finais do século II, início do III, que esta palavra e pecha *herético* assalta o discurso e vibra de apelo doutrinário. A noção inicial de *herético religioso* vingou, transfigurou-se e proliferou, tornando-se longeva e conquistando outras paragens, como as artes e a política. Proximidade: este é o ponto de discórdia. Se olhado na perspectiva de sua gênese histórica, fica muito fácil reconhecer um herege: basta posicionar um espelho diante de si, levemente distorcido. Pois o herético é uma imagem familiar. Seu rosto está colado, invisível, como uma máscara subcutânea, à face de seu detrator.

Palavras-Chaves: alteridade e exclusão, dissidência, ortodoxia & heresia, cristianismo primitivo, apócrifos, gnosticismo

Abstract: Paradoxically, the idea of heresy and the Christian message of universal fraternity were born together, almost at the same time. The picture of the heretic is one of the most original inventions of the new creed. It's only at the turn of the third century that this neologism and blame - heretic - grabbed the discourse and shone with doctrinal strength. The original concept enlarged and propagated, spreading over the political and artistic fields. Proximity: this is the heart of the matter. From the perspective of its historical genesis, he has the same root as the orthodox ones. To disclose a heretic is sort of looking deep inside a mirror slightly distorted, cause his figure is a familiar image. His face is stuck, as a mask, to the face of its detractor.

Keywords: Exclusion, sameness and otherness; Dissent; Heresy and orthodoxy; Early Christianity; Apocryphal literature; Gnosticism





A figura do *herético* é uma das mais originais invenções da Cristandade. É só com o desdobramento da doutrina cristã, que ganha novos contornos em finais do século II, início do III, que esta palavra e pecha *_herético_* assalta o discurso e vibra de apelo doutrinário.

A noção inicial de *herético religioso* vingou, transfigurou-se e proliferou, tornando-se longeva e conquistando outras paragens, como as artes e a política. Nascida para apontar apenas aquele que não se encaixava no grupo dominante da nova religião, ela acabou por se tornar o conceito-chave de uma larga, infeliz e atribulada linhagem: a dos dissidentes. Daqueles que são segregados, excluídos, no limite aniquilados _ e, por fim, sentenciados ao silêncio da posteridade _, exatamente porque estão muito perto do pensamento hegemônico, e não, como poderia parecer à primeira vista, em contradição, ou mesmo oposição a ele.

Proximidade: este é o ponto de discórdia. Assim será com o herético político, o ex-companheiro de rota, alguém de dentro, nunca o inimigo externo. Assim também com o herético artístico, o desviante do cânone, não o ignorante das normas estéticas. Idem quanto a muitas outras facetas, sempre acusatórias, do termo, como a do herege da moralidade convencional (cujo maior pecado parece ser o da pouca intimidade com a hipocrisia) ou a do intelectual livre-atirador, gerador de eterno desconforto em sua respectiva corporação de ofício. Se olhado na perspectiva de sua gênese histórica, fica muito fácil reconhecer um herege: basta posicionar um espelho diante de si, levemente distorcido.

Pois o herético é uma imagem familiar. Seu rosto está colado, invisível, como uma máscara subcutânea, à face de seu detrator. Ele é sua sombra persecutória, seu gêmeo torto.





Curiosamente, a noção do herético-desviante¹ nasceu quase concomitantemente ao original discurso da fraternidade universal.

A pregação inicial do cristianismo foi a da irmandade absoluta entre os homens, uma irmandade que não era de sangue, nem de raça, e nem por herança _ os ditos de Jesus reiteram que sua família é aquela dos que o ouvem e seguem, judeus ou gentios. Mas se as primeiras gerações de cristãos enfatizavam a *igualdade*, os primeiros teóricos da nova doutrina, os Padres da Igreja, especialmente os Padres latinos², vão insistir nas *diferenças*, para efeito de *depuração*. É esta a peculiaridade da polêmica da Patrística, que não se dirige prioritariamente contra o paganismo, seu antecessor, mas contra as dissidências internas. É nestas, nas variedades domésticas, que lhes parece importante denunciar resquícios de ‘platonismos’ e outras frivolidades racionalistas, para as quais eles oferecem o remédio do “medo de Deus em seus corações”³.

Foi assim que divergência, desvio, dissidência, isto é, as variações a partir de um solo comum (muito mais que o antagonismo), se tornaram o pecado capital, nas areias escaldantes da África de Tertuliano, no clima frio da Gália de Irineu, e no vazio deixado

¹ Que remete à de Doppelganger, o “duplo”, tão habilmente explorada por Edgar Allan Poe em seu conto “William Wilson”, e escrutinada pela psicanálise pelo próprio Sigmund Freud em “O Sinistro”, ensaio sobre o estranhamento calcado num conto de Hoffmann, “O Homem de Areia”

² Os padres latinos eram menos versados na cultura helenística. Os padres gregos, ou os teólogos de Alexandria, Clemente (150-215) e Orígenes (185-254), por sua cultura e cabedal clássicos, preocupam-se mais em conciliar Platão e Cristo, isto é, dialogam com os antagonistas de fato e de direito, os predecessores pagãos. Vide Jaeger, Werner, “Early Christianity and Greek Paidéia” e Dodds, E. R, “Pagan and Christian in an age of anxiety”.

³ Esta é a frase de Irineu de Lyon





pela destruição de Roma⁴. O vício maior, segundo os padres latinos, era praticado intramuros, e o combate maior, portanto, deveria ser travado internamente. Há, inegavelmente, um saudável realismo político nesta condução doutrinária, pois se tratava, naquele momento, de consolidar a nova seita em moldes institucionais mais sólidos e duradouros, de preferência à imagem e semelhança do organizado e hierarquizado Império Romano.

Se o herético é uma criação do cristianismo, cabe explicar, ainda que resumidamente, porque tal conceito seria impensável antes.

A cultura helenística, que perdurou no Império⁵ desde sua inauguração por Alexandre no século IV a.C , é de vocação sincrética, o que alarga bastante sua margem de tolerância. A ânsia de exclusivismo⁶ do cristianismo_ um só Deus, uma só doutrina, uma única exegese_ pareceriam bizarros à versátil mentalidade helenística. Delicioso exemplo é o de um comentador estóico da época, lamentando a avareza da “nova superstição” (o cristianismo) _ porque monopolizar tudo em mãos de um só deus, escreveu, se há espaço para todos eles, cada qual com seus vícios e virtudes?

⁴ A este respeito, cabe notar outra instituição criada pela Igreja, séculos depois, exatamente para combater a dissensão interna: a Inquisição. Esta foi implementada durante a Cruzada Albigense, não contra maometanos na Terra Santa, mas exatamente contra o movimento reformista e purista dos ditos heréticos cátaros na França.

⁵ E em todo o “Mare Nostrum”, isto é, o mundo mediterrâneo que também seria o solo do cristianismo.

⁶ O magnífico historiador Edward Gibbon, do séc XVIII, enumera quatro razões para o sucesso da “nova superstição”, o cristianismo, e uma delas é a intrépida intolerância de seus seguidores.





Os feitos de Alexandre foram duradouros, em boa medida, pelo fato dele ter assimilado, e não meramente subjugado, os povos conquistados, mesclando suas diferentes culturas como base de seu Império. O episódio em que Alexandre, numa de suas campanhas pela Pérsia, obriga os oficiais e soldados de seu exército a se casarem com mulheres persas não tem nada de grotesco: é só mais um capítulo de uma pragmática política expansionista. Pois as palavras-chave da cultura helenística são fusão e adaptação, e não divisão ou depuração.

O que distingue a condescendência da mentalidade helenística do zelo ortodoxo cristão é exatamente o maior ou menor pendor para o cosmopolitismo. Todo cosmopolitismo requer uma disposição de ânimo mais simpática ao não-idêntico, sem o que fica impossível a criação de um repertório comum para o comércio e a governabilidade. *Encontrar o diferente*, para os herdeiros de Alexandre, era uma chance a ser explorada, da qual se poderia tirar vantagem _dominar e colonizar com menores seqüelas, isto é, através de prepostos locais, ou comerciar com mais ligeireza e facilidade.

O dissidente ou o Outro, então, não tinha nada de anátema _era, ao contrário, uma oportunidade. Desde que não ameaçasse de partida, este Outro qualquer era bem-vindo, e estava longe de ser a figura demonizada posteriormente pelos Padres da Igreja. Para a mentalidade helenística, aliás, seria até boa companhia. Provisória, cambiante, sob suspeição, mas respeitável e respeitada: alguém com quem se deve travar contato para negociar, governar com certa estabilidade, e viver razoavelmente em paz.

Assim, a noção de heresia –alteridade na semelhança_ como uma doença a ser eliminada, soaria um tanto estapafúrdia aos ouvidos do cidadão da era helenística, pois a ênfase desta é mais na *assimilação* que na *extirpação*: transformar adversários em





aliados, aliados táticos em parceiros estratégicos, e parceiros eventuais em sócios permanentes. Hoje contra nós, amanhã talvez conosco, e depois, quem sabe uma reviravolta, novamente perigoso e novamente assimilável, no decorrer de uma história cíclica, como convém ao ideário pagão.

A idéia de que o inimigo principal é o adversário interno _a ovelha que se desgarrou do rebanho_, só se torna plataforma política com os esboços da teologia cristã, isto é, com a Patrística. Esta “forma mentis” em que o importante é não permitir fraturas internas (e jamais dar tréguas às vozes dissonantes) é a terapêutica escolhida para combater a forte corrente do cristianismo gnóstico, os ditos “falsos crentes”, que ameaçavam, com sua influência, a ortodoxia que se plasmava no século II.

O mais intrigante, porém, é que grande parte do edifício doutrinário ortodoxo foi erguida exatamente a partir destas desavenças internas, quer seja para *contestar* a epinoia (imaginação) dos gnósticos ou para marcar *contraste* com a busca daqueles pelo conhecimento.

Semelhança, convivência, divergência, alteridade como risco, apropriação e re-elaboração da tese contrária: foi deste dinamismo que nasceu o pensamento oficial. A doutrina de Irineu e Tertuliano só adquire plenitude ao emprestar, para uma operação de desmontagem, o pensamento gnóstico.

Heresia, pois, não é nenhum Fruto Proibido, mas a nutrição básica para a construção da auto-imagem através do denegrimiento sistemático da imagem do semelhante.





Esta poderosa arma (conceitual e prática) que é o recurso metódico ao ódio intestino, ecoa ainda hoje.

O próprio Tertuliano foi vitimado por seus efeitos⁷, mas a questão das heresias não parou lá, longe. A tônica da violência no século XXI pode ser apreciada, em boa medida, à sua luz. Na atual explosão, por exemplo, de guerras fratricidas localizadas.

O combate ao herético-semelhante, ao irmão desigual, continua aqui e agora, no genocídio intra-tribal na África, (Ruanda, Darfur, Uganda), nas carnificinas étnicas da ex-Iugoslávia (Kosovo) e de boa parte do leste europeu (Chechênia, Inguchênia, Kazaquistão), na anomia da política internacional no Oriente Médio, ou Iraque ou Afeganistão, para ficarmos apenas nos exemplos mais clamorosos.

O exilado, aquele não-cidadão que se torna cada vez mais numeroso e corriqueiro nos campos de refugiados que se alastram pelo mundo, é o herege de ontem, atualizado em gênero, número e grau.

1. A cambiante relação heresia X ortodoxia

Conforme Kurt Rudolph⁸, “a Gnose acompanhou a Igreja como sua sombra”. É sobretudo contra eles que se endereça a noção de heresia, delineada nos escritos de Irineu de

⁷ Tertuliano foi posteriormente excomungado exatamente por seu excesso de zelo, e aderiu aos Montanistas.

⁸ Rudolph, Kurt, “Gnosis”, Harper, 1977.





Lyon⁹ e do ‘montanista’ Tertuliano de Cartago¹⁰. Embora nos três primeiros séculos de nossa era o grau de fixidez e canonicidade dos textos e doutrinas ainda fosse muito rarefeito, e, assim, seja precoce falar de herético X ortodoxo *strictu sensu*, pois tais definições ainda estão se tecendo na trama da história¹¹, veremos que nestes dois autores ‘heresia’ é freqüentemente associada ao gnosticismo, muitas vezes tomados os termos como sinônimos intercambiáveis, trate-se de valentianismo, marcionismo, barbelo-

⁹ Irineu de Lyon (ca. 130-200), autor de “Adversus Haereses” (‘Contra as Heresias’), publicado por volta de 185, alerta os cristãos contra aqueles heréticos que “chamam a humanidade de Deus de todas as coisas, também chamando-O luz, abençoado e eterno”; segundo ele, os carpocratianos afirmavam ter recebido seus ensinamentos de Salomé, Maria e Marta. Irineu insiste em que deve-se expelir os desviantes da Igreja verdadeira e universal, a católica. Sobre os gnósticos, escreveu que “ cada um produz algo novo todos os dias, de acordo com sua capacidade; pois ninguém é considerado iniciado entre eles se não souber criar lendas fabulosas”.

¹⁰ Montanismo foi um movimento herético apocalíptico-milenarista de grande influência na Ásia Menor na segunda metade do século II, ao qual acabou aderindo o heresiólogo Tertuliano (150-230), o primeiro importante Padre da Igreja latino, depois excomungado. É dele a frase: “Creio, porque absurdo”. Montanus, suposto profeta-fundador, acreditava que a Nova Jerusalém e o reinado de mil anos de Cristo na terra iriam se instaurar brevemente, só que na Frígia, não na Palestina. Segundo a ‘História eclesiástica’ de Eusébio – 5.18.2- Montanus foi quem inaugurou o costume de pagar salários regulares a seus missionários.

¹¹ O imperador Constantino só abraçaria a nova fé em 314, o Concílio de Nicéia adotaria a ortodoxia em 325 (embora alguns outros Concílios a refutassem até sua adoção definitiva) e o imperador Teodósio oficializaria o cristianismo em 380, quando então foram proibidos os encontros de grupos não-ortodoxos e suas propriedades confiscadas.





gosticismo, carpocratianos, ofitas ou bardesanismo¹², correntes ‘heterodoxas’ muito distintas entre si¹³.

Se o primeiro debate ‘anti-herético’ no interior do cristianismo foi diretamente inspirado pela ameaça interna de grupos de cristãos gnósticos, bastante influentes no século II no Egito, Síria e Ásia Menor; gostaríamos de avaliar quais os principais conteúdos doutrinários do gnosticismo-cristão que ensejam, e exigem, tal debate.

Nossa hipótese é que a polêmica destes Padres da Igreja contra os ‘hereses’ (mais inflamada que seu combate aos pagãos) é menos uma pendência estritamente doutrinária

¹² O alemão Walter Bauer, autor de **Orthodoxy and heresy in earliest christianity**, foi pioneiro, nos anos 30, ao destacar a singularidade da tradição cristã siríaca oriental, e, conforme Koester e Robinson, sua obra acabou por destruir o edifício inteiro de “wishful thinking” sobre o desenvolvimento do cristianismo na região _ como afirma Koester, após Bauer inúmeras outras evidências se acumularam de que o cristianismo em Edessa foi dominado nos primeiros séculos exclusivamente por grupos mais tarde chamados heréticos – tomasitas, marcionitas, bardasanitas e maniqueus-, e que as controvérsias de então davam-se estritamente entre ‘heréticos (e não entre eles e os ortodoxos), pois ignoravam-se os ditames ortodoxos. Comparada `a influência tomesina, marcionita e bardasanita, a ortodoxia chega tardiamente à região, só começando a se introduzir em meados do século III, e mesmo assim francamente minoritária. Durante este e o século seguinte, os católicos de Edessa são um grupo pequeno e insignificante.

¹³ Como ressalta Robinson, a BNH prova que "o Gnosticismo parece não ter sido, em essência, apenas uma forma alternativa de Cristianismo. Ao contrário, foi uma radical corrente de libertação do domínio do mal ou da transcendência interna que assolou a Antiguidade tardia, e emergiu no interior do Cristianismo, Judaísmo, Neoplatonismo, Hermetismo e congêneres. Como uma nova religião, ele [o gnosticismo] era sincretista, derivado de muitas heranças. Mas foi reunido por via de uma postura bastante decidida, numa unidade que deve ser buscada nesta ampla diversidade"





e mais uma questão de construção da auto-identidade, por exclusão. Assim, os principais argumentos seriam:

1. O argumento de um único cânon inspirado, do qual os ortodoxos seriam depositários por sucessão apostólica.
2. O argumento de que toda divergência com os auto-intitulados ortodoxos é cronologicamente posterior e, portanto, doutrinariamente inferior, um desvio.
3. O argumento de que todo suposto desviante abandonou a verdade por ter sido expelido da comunidade auto-intitulada ortodoxa.

Tentaremos reconstruir a lógica e retórica que inspiraram este pioneiro discurso de exclusão (e formulação de auto-identidade para os ortodoxos) no interior dos próprios grupos cristãos, ou em sua periferia, a partir do levantamento das fontes primárias. Há dois momentos neste processo:

1) a caracterização do dissidente como um Outro com o qual não é possível conviver e compartilhar o solo da nova doutrina .

1) a demonização do Outro-semelhante como o principal adversário que se deve combater e debelar, um inimigo prioritário, mais insidioso ainda que o próprio paganismo. Ressalve-se que este 'Outro', em algumas circunstâncias, não era exatamente uma minoria, considerava-se exclusiva e genuinamente cristão e chegou a ameaçar a estabilidade política e doutrinária da jovem Igreja - caso do marcionismo¹⁴, pois Marcion

¹⁴ Hans Jonas, autor de **The gnostic religion**, Boston: BeaconPress, 1963, argumenta que é mais importante, para delimitar o fenômeno gnóstico, avaliá-lo "de ouvido, musicalmente como ele foi", do que aplicar-lhe regras abstratas. O exemplo tomado é o da escola de Marcion. Pelo que se sabe da doutrina marcionita, não há menção à 'gênese transcendental', nem a um drama divino pré-cósmico, nem qualquer mitologia de mundos





disputou a candidatura a bispo em Roma em meados do séc. II e a Igreja marcionita disseminou-se e perdurou pela Ásia Menor e Síria até o séc IV; do valentinianismo no Egito, aonde o Canôn chegou muito tardiamente, e os primeiros evangelhos divulgados não eram os sinóticos mas o Evangelho dos Hebreus e o Evangelho dos Egípcios; e, guardadas as proporções, do bardesanismo na Síria oriental, em particular em Edessa, onde a tradição tomesina foi indisputável.

A escolha de Irineu e Tertuliano deve-se não apenas à sua capital importância na formulação de um coerente *corpus* anti-herético, mas ao fato de pertencerem à era de ouro do gnosticismo – finais do séc II, inícios do III-, e, portanto, ao período mais acalorado dos debates. Nosso propósito é averiguar, através dos três eixos de argumentação supracitados (*texto único e inspirado, precedência cronológica e superioridade doutrinária*), em que medida a contraposição às ‘heresias’ é um dos principais instrumentos para a auto-clarificação, auto-construção e consolidação da identidade ortodoxa cristã.

Principais fontes primárias:

Irineu de Lyon

‘Libros Quinque Adversus Haereses’

Tertuliano

superpostos. No marcionismo não haveria nem mesmo a consubstancialidade da alma e Deus, ou a noção de gnose como salvação. Só este último traço _Marcion é um 'pistikos', um crente, e não um 'gnostikos'_ excluiria de partida a escola marcionita do gênero. Para Jonas, entretanto, Marcion é “musicalmente’, ou retoricamente, um gnóstico puro-sangue, por seu acerbo dualismo.





‘De Preascriptione Haereticorum’, ‘Adversus Valentinianos’, ‘Apologeticum’

Outros Padres da Igreja participaram do embate contra os heréticos, mas recorreremos a eles apenas na medida em que esclareçam o discurso de Irineu e Tertuliano. São eles: o precursor Inácio de Antióquia¹⁵ (‘Ephesians’, ‘Philadelphians’, ‘Smyrnaeans’, ‘Trallians’ (epístolas)); o discípulo de Irineu, Hipólito de Roma¹⁶, (‘Refutatio Omnium Haeresium’) e o mais tardio Epifânio de Salamis¹⁷, (‘Panarium’, ‘Recapitulatio’, ‘Ancoratus’)

¹⁵ As epístolas de Inácio de Antióquia (morto ca 115, em Roma) `as comunidades cristãs tiveram extrema influência em toda Igreja primitiva. Nelas, ele combate sobretudo dois grupos: os judaizantes e os docéticos. Bispo de Antióquia volta do ano 100, ele pode ser tido como um representante do cristianismo paulino-pró gentio. Nessa medida, é interessante notar que o mesmo Inácio de Antióquia que seria tido como pouco ortodoxo entre os seguidores de Pedro e Tiago vai utilizar os mesmos argumento de seus detratores, acusando de heréticos judaizantes seus confrades sírios de pendoros gnósticos -pois docéticos, i. é., que negavam a natureza carnal, humana, de Cristo

¹⁶ Autor de “Refutação de todas as heresias” (‘Refutationis Omnium Haeresium’), presume-se que Hipólito de Roma (170-235) foi o compilador do Cânon Muratorium no final do séc. II, dirigido sobretudo a combater o Evangelho de Marcion, uma composição de trechos de Lucas e das epístolas paulinas.

¹⁷ Epifânio de Salamis, eleito em 367 arcebispo de Chipre, relatou ter expulso pessoalmente 18 gnósticos de Alexandria e que o bispo ortodoxo Cirilo, de Jerusalém, conclamou os fiéis a se acautelarem contra os seguidores de Mani (216-276), "este receptáculo de toda imundície, esta lixeira de heresias", alertando: "que ninguém leia o Evangelho segundo Tomé, pois esta não é a obra de um dos doze apóstolos e sim dos amaldiçoados discípulos de Mani cujo Evangelho de Tomé, apesar do espúrio odor de santidade que emana de seu título, pode corromper a gente simples". Epifânio nasceu por volta de 315 na Judéia, onde dirigiu por quase trinta anos um mosteiro inspirado no modelo egípcio. Morto em 403, foi um ardente inimigo não só da especulação filosófica mas sobretudo da doutrina de Orígenes, o que o aproxima de Tertuliano e o afasta dos 'alexandrinos'. Sua obra "Panarium" ('Baú de medicamentos') elenca 80 heresias, judaicas, pagãs e pseudo-cristãs e retrata as diversas seitas heréticas como inspiradas por serpentes cujo veneno põe em risco a pureza da fé. Para Rudolph, K., muito da confusão que se estabeleceu sobre o debate da época deve-se a





Para que possamos operar uma hermenêutica destes textos, sem reduzi-los ao entendimento elíptico de um leitor do séc XXI, mas também sem os considerarmos inacessíveis a uma interpretação com critérios de validade, utilizaremos o instrumental mencionado no item “Metodologia”. Vale lembrar que a heterodoxia é associada quase imediatamente ao gnosticismo não só pela Patrística como, quase vinte séculos depois, também pelo teólogo Rudolf Bultmann¹⁸, que a considera um mesmo fenômeno histórico, embora multifacetado. Para Bultmann o gnosticismo é a negação do *kerygma da Igreja*. São, assim, profundas e de primeira hora as relações entre gnosticismo e Igreja. Citando novamente Kurt Rudolph, o gnosticismo¹⁹ está presente como o interlocutor máximo tanto na tradição paulina quanto na joanina.

2. Os riscos da ‘doutrina da imaginação’.

Preliminarmente, um dos motivos latentes da disputa pode ser buscado no docetismo gnóstico²⁰ – a natureza humana de Jesus, tornado Cristo após o nascimento ou o batismo – delicada questão cujos ecos repercutiriam claramente no século IV na primeira disputa

Epifânio - seu pouco rigor e muita inventividade- ao elencar os heréticos. Foi o mais importante heresiólogo do século IV, o primeiro a acusar Orígenes de desviante.

¹⁸ **History of the Synoptic Tradition**, trad. John Marsh, Oxford: Hendrickson, 1963

¹⁹ As escolas gnósticas, tão divergentes entre si, teriam em comum estes postulados: a) a identidade do divino e humano b) Jesus não como Messias, mas como guia espiritual c) a salvação via “gnose”.

²⁰ No entendimento da Patrística, pois nem todo grupo gnóstico abraçava o docetismo.





teológica oficial, já sob o imperador Constantino, entre os partidários do arianismo²¹ e atanasianismo²² (a questão da substância e natureza de Cristo). De todo modo, o trinitarismo era estranho aos gnósticos de qualquer linhagem. Os grupos de inclinações gnósticas, desde os mais precoces, como o reunido em torno do Evangelho de Tomé (sécs I e II, Palestina e Edessa) até os mais elaborados sistemas valentinianos, marcionitas ou bardesanitas, divergem bastante sobre a natureza e substância do ‘salvador’, pois há desde aqueles que advogam a natureza puramente espiritual, atemporal e eterna de Jesus como o ‘salvador celestial’²³, cuja encarnação foi necessária para a transmissão de uma mensagem de sabedoria, mas não para a expiação das culpas da humanidade (essa, por exemplo, é a perspectiva do Evangelho de Tomé e também a interpretação do teólogo Rudolf Bultmann sobre os gnósticos) até aqueles sistemas/doutrinas/comunidades gnósticos convencidos da natureza fundamentalmente humana, embora espiritualmente superior, de Jesus, como um profeta ou professor de sabedoria²⁴.

Embora este confronto doutrinário, que diz respeito diretamente ao teor da soteriologia gnóstica, já exista em germe na crítica dos Padres da Igreja aos heréticos, ele ainda não se explicitou, e, quando é tratado, o é em termos de salvação via fé X salvação via

²¹ Os seguidores de Ário, influenciados pela filosofia helenística, rejeitavam a idéia de que a pessoa de Jesus pudesse se igualar a Deus, sustentando que o Filho havia sido criado pelo Pai, e, assim, não seria co-eterno a Ele nem formado da mesma substância.

²² Os discípulos de Atanásio sustentavam o trinitarismo, i.é., que Pai, Filho e Espírito Santo eram compostos de idêntica substância

²³ Um elenco mais detalhado destas diferenças constará do trabalho

²⁴ Neste sentido, a avaliação da Patrística é absolutamente procedente, pois cada qual, cada grupo gnóstico interpretava o evento Jesus à sua maneira e bel-prazer.





conhecimento. Parece-nos, porém, que o grande e unânime argumento de Irineu e Tertuliano, no período, foi outro: a necessidade de combater uma minoria desviante, arrogante, contaminada pelo paganismo (leia-se cultura helenística-judaica), e individualista, sem qualquer apreço por hierarquias. Ao postular a gnose pessoal e autônoma, o cristão-gnóstico estaria questionando o principal conceito ao qual se apegam os arquitetos da ortodoxia, e do qual tanto necessita a Igreja nascente: a fé. Pois fé, aqui, não significa meramente crença (*pistis*), mas postula automaticamente uma coletividade obediente, a diferenciação de papéis e atribuições (o crente, o presbítero, o diácono, o bispo) e um respeito devocional à hierarquia (pois, segundo a Patrística, fruto de uma natural sucessão apostólica) e às autoridades auto-instituídas ou auto-intituladas (muito cambiantes, pois estavam estas exatamente no processo de se forjar).

Assim, uma das fraturas entre o pensamento ortodoxo e o cristão-gnóstico seria justamente esta ênfase na epinoia, ou inventividade, que o ortodoxo condena.

Para ilustrar, vejamos alguns dos motes mais freqüentes de Irineu e Tertuliano. Irineu escreveu que “Cada um [dos heréticos] produz algo novo todos os dias, de acordo com sua capacidade; pois ninguém é considerado iniciado entre eles se não souber criar lendas fabulosas”²⁵. Tertuliano afirma praticamente o mesmo, com outras palavras: “Cada um deles, conforme lhe apraz o temperamento, modifica as tradições que recebeu, assim como aquele que as transmitiu também as modificara ao moldá-las de acordo com seu próprio arbítrio”²⁶. Ainda Tertuliano: “Em que termos os hereges são desconhecidos e

²⁵ Adversus haereses I 18.1

²⁶ De Praescriptione Haereticorum, 42





inimigos dos apóstolos se não na diferença de seus ensinamentos que, por sua mera volição, cada um deles transmitiu ao receber?”²⁷

Tertuliano é autor de alguns adágios que, apesar de singelos, se tornaram famosos, como “Creio porque absurdo”; “O que Atenas tem a ver com Jerusalém? O que a academia [platônica] tem a ver com a Igreja”?, e assim se refere aos heréticos: “Todos eles são arrogantes... todos oferecem-lhe gnosis!”²⁸

Irineu adota o mesmo parecer, ao advertir sua congregação contra “aqueles que muitos acreditam ser padres... mas não possuem o medo de Deus em seus corações... e estão cheios de orgulho por sua proeminência na comunidade”²⁹. Ou ainda, sobre os valentinianos: “tais pessoas são, vistas de fora, ovelhas, pois parecem assemelhar-se a nós pelo que pregam em público, repetindo as mesmas palavras que nós; mas por dentro elas são lobos”³⁰. E novamente Tertuliano: “Fora com todas as tentativas de produzir uma miscelânea de cristianismo com estoicismo, platonismo ou composições dialéticas! Não queremos debates curiosos após receber Jesus Cristo, nada de perguntas após ter experimentado as delícias dos evangelhos. Com nossa fé, não desejamos outras crenças”³¹.

²⁷ Idem, 37

²⁸ Idem, 41

²⁹ ‘Ad Florinum’, citado em Eusébio, *Historia Ecclesiae* 5.20.4-8, apud Williamson

³⁰ A .H., 3.16.6

³¹ De Praescriptione Haereticorum, 7





O que identifica e condena os heréticos neste primeiro momento, pois, é sobretudo a *'ausência de medo em seus corações'*, ou, dito de outro modo, o excesso de liberdade e imaginação, a paixão de inventar, a flutuante livre-interpretação, o excessivamente livre arbítrio_ o pecado da epinoia.

Quando os gnósticos optam pelo caminho do conhecimento pessoal que leva a Deus (ou à salvação) – rota individual, intransferível, dura e, pois, restrita a alguns eleitos (solitários, perfeitos ou pneumáticos, sendo esta última acepção também utilizada por Paulo)_ em contraposição ao chamamento dogmático de Tertuliano *'Creio porque absurdo'*, estão indireta, mas inequivocamente, questionando a necessidade mesma de atribuições de autoridade ou intermediação eclesiástica (neste sentido, apenas, eles seriam uma espécie de *'protestantismo avant-la-lettre'*). Isto explicaria, em boa parte, as razões políticas nada desprezíveis da investida polêmica de Irineu e Tertuliano. O combate e a retórica de Irineu e Tertuliano, e da Patrística como um todo, são claramente político-partidários. Mas o universo das idéias dele também participa, pois é a partir do esboço de uma dissensão doutrinária de fundo (a conversão individual, livre e solitária do gnóstico X a conversão por fé compartilhada e a aceitação de hierarquia do *'pistikos'* ou crente) que os Padres da Igreja constroem com cimento resistente sua fortificação. A Patrística se outorgará nome próprio às expensas do nome do Outro. O edifício da ortodoxia erguido por Irineu e Tertuliano utilizará as pedras lançadas contra qualquer um que não comungue exatamente sua plataforma institucional. *Nesta medida, o ortodoxo, ao contrário do que prega, não foi o primeiro, mas aquele que reagiu.* Se assim for, a ortodoxia será reativa e secundária, e não seria senão uma incisiva resposta unificadora e simplificadora, no combate a um *outro* cambiante. E cujo sucesso se deveria, entre outros elementos, ao uso de engenhosos artifícios retóricos universais que não soariam nada anacrônicos num debate moderno. Entre eles:





3. ARGUMENTOS OU CONTRA-ARGUMENTOS?

1. O ARGUMENTO DE UMA ÚNICA VERDADE, ESTABELECIDADA NUM ÚNICO TEXTO (INSPIRADO), VERDADE ESTA INCÓLUME A COMPILAÇÕES, EDIÇÕES E REVISÕES DAQUELES QUE A PROPAGARAM.

Conforme a Patrística, após a morte do fundador Jesus, seus seguidores (os apóstolos) dividiram o mundo em missões, cada qual levando, para a porção que lhe cabia, o mesmo e inadulterado evangelho.

Quanto ao dogma do evangelho único, sabe-se sobejamente que, dos anos 30 a 150, havia no mínimo 52 evangelhos cristãos aceitos e professados, (vide Crossan)³²; além dos ‘testemunhos independentes’. Vale lembrar que a expansão do cristianismo nos séculos I e II pela Palestina, Ásia Menor, Egito e Síria não foi uniforme, e cada grupo de ‘seguidores de Jesus’ tinha bastante autonomia na interpretação do evento salvífico “Jesus”. Estas diversas tradições orais foram se consolidando aqui e ali em ditos e parábolas, depois em narrativas, em seguida compiladas e editadas, e deram origem a inúmeros textos regionais anunciando as boas-novas –os evangelhos, cada qual composto por muitas mãos, e que só a partir do século II passaram a se reivindicar da ‘comunidade’ ou autoridade de algum

³² CROSSAN, J.D., **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu no Mediterrâneo**, trad. Andre Cardoso, Rio de Janeiro: Imago, 1991





apóstolo, fosse Lucas, 'João', Tomé, etc. A descoberta e divulgação da Biblioteca de Nag Hammadi em 1945 ampliou este cenário de diversidade no interior do cristianismo primitivo, trazendo à tona vários textos de corte gnóstico-cristão dos quais só se tinha notícia fragmentariamente. G. Riley, Morton Smith e Helmut Koester admitem que a primeira tentativa de formar um cânon, o Canon Muratorium, teria sido uma resposta dos ortodoxos à extrema popularidade do cristão-gnóstico Marcion em Roma, nos anos 140/50.

2. O ARGUMENTO DE QUE TODA DIVERGÊNCIA É POSTERIOR, UMA DISSIDÊNCIA OU EQUÍVOCO, E NÃO UM PENSAMENTO ORIGINAL, COETÂNEO À ORTODOXIA, PROVENIENTE DA MESMA FONTE

Os escritos de Irineu e Tertuliano sugerem que todo aquele que professa uma heresia foi a ela levado na seguinte seqüência: “descrença, conversão à verdadeira crença, tentação e falsa crença”. Assim, nega-se até mesmo o mínimo aos heréticos, a pura e simples originalidade, ainda que muitas vezes se impute a eles este vício (Tertuliano se refere às doutrinas heréticas como “empilhadas feito quartos de aluguel”). Em nosso levantamento dos estudos de W. Bauer, Richard Rubenstein, Burton Mack, J.D. Crossan, Marcus Borg, Stephen Patterson, Robinson, Koester, Shaw, entre outros, será importante verificar o quanto há de contemporaneidade, ou mesmo, em alguns locais, de anterioridade, dos gnósticos-cristãos sobre os cristãos ortodoxos.





3. O ARGUMENTO DE QUE TODA MINORIA, OU TODOS OS DERROTADOS HISTORICAMENTE, SÃO DOCTRINARIAMENTE INFERIORES, E POR ISSO FUNDAM SEUS PRÓPRIOS GRUPOS.

Segundo a Patrística, a ‘metodologia do mal’ estipularia uma *anterioridade* cronológica da ortodoxia sobre a heterodoxia, para daí derivar sua *superioridade* doutrinária. Esse seria, por exemplo, o caso de Mani e dos maniqueístas, e de tantos outros “desviantes”, que ‘deixaram a Igreja’, ‘deixaram-se seduzir’, etc. Nunca se considera a possibilidade real da conversão direta do pagão-helenista `a ‘falsa crença’ (ou heterodoxia) _apesar deste ter sido, aparentemente, o processo mais comum e generalizado no Egito e Síria oriental até o século III.

4. O ARGUMENTO DE QUE O DISSIDENTE ROMPE POR RAZÕES DE VAIDADE PESSOAL, POIS NÃO ‘GANHOU A CORRIDA’ NA INSTITUIÇÃO `A QUAL QUERIA PERTENCER.

Quanto aos segundo e terceiro argumentos, o de que a ‘heresia’ é sempre posterior (cronológica e ontologicamente)`a ortodoxia, e a ela inferior , eles geram um quarto corolário: o de que o verdadeiro crente se torna herético por despeito ou outra idiosincrasia privada. Assim teria sido com Valentino e Marcion, por exemplo, que se ‘desviaram’ e ‘abjuraram’ ao terem sido preteridos ao bispado de Roma _a guinada na fé teria sido motivada por comezinhas vaidades pessoais. Curiosamente, a mesma lógica do *fait-divers* foi usada pelos fariseus contra o apóstolo Paulo. Fontes judaicas _citadas pelo historiador da Igreja Epifânio como ‘mentirosas’³³ _ afirmam que o apóstolo Paulo teria se *desviado da Torá* e aderido `a nova heresia (sic, cristianismo) por ter sido recusada sua

³³ Vv. a obra de Epifânio, “Panarium “(Cesta -ou baú- medicinal), um catálogo das heresias e seus ‘remédios’





proposta de casamento com a filha do alto sacerdote. *Mutatis mutandis*, o pretexto se repete contra os heréticos.

São, pois, basicamente estes argumentos, sua tessitura, encadeamento, repercussão e sucesso, até a consolidação de uma cabal doutrina ortodoxa, que gostaríamos de examinar nos autores e obras mencionados .

4.Cristianismo, gnosticismo, cultura tardo-helenística

Apesar da instigante frase do filósofo Eric Dodds, “estritamente falando, não há períodos na história, apenas nos historiadores; a história real é um fluxo contínuo e suave, um dia se seguindo ao anterior”³⁴, o recorte histórico desta pesquisa é o da passagem do séc. II para o III, era de ouro não apenas do gnosticismo como do combate patrístico às heresias. É importante, porém, ressaltar desde já que não trabalharemos com conceitos fechados de ‘paganismo’, ‘judaísmo’ ou ‘cristianismo’, mas sim com a noção mais contemporânea e plástica de antigüidade tardia romano-helenística –noção esta compartilhada tanto por Hans Jonas como por Kurt Rudolph, Peter Brown, Eric Dodds, George Kennedy e boa parte dos autores citados na bibliografia. Sincretismo, pois, é a palavra-chave do período. O próprio gnosticismo-cristão seria a quintessência desta 'unidade na diversidade'. A antigüidade tardia foi uma era internacionalista, embora de polarizações³⁵. Ela

³⁴ **Pagan and Christian in an Age of Anxiety**, Cambridge: Cambridge University Press, 1965,pg3

³⁵ Werner Jaeger, em ‘Early Christianity and Greek Paideia’, pg 12, lembra que sem a educação grega o cristianismo não teria se tornado uma religião mundial, e que o apóstolo Felipe haveria dito : “Vim a Atenas para revelar-lhes a paidéia de Cristo”.





corresponde a um mundo crescentemente invadido por uma onda de religiosidade, no qual o próprio pensamento helenístico teve de se dobrar às exigências de seu tempo e deixou de ser secular, como era em Platão, para mergulhar fundo na mística e espiritualidade, como ocorre com o neo-platônico Plotino -em grande parte, conforme Jonas, para se defender da epidemia de novas seitas. Na era cristã, até o pensamento helenístico passa a ser, ele também, um credo, uma espécie de igreja-mor da causa pagã, com seu próprio dogma e apologética. A força desta onda de religiosidade é equivalente a de um dique represado: submerge tudo, inclusive o neo-platonismo, que, para não soçobrar, se vê forçado a professar, ele também, pendores místicos³⁶. Este aspecto é central para ponderarmos exatamente o que Irineu e Tertuliano querem dizer quando se referem a 'platonismos, estoicismo e outras composições dialéticas'.

5. Metodologia: fenomenologia e análise retórica

Nossa abordagem, à semelhança da tese de Doutorado (na qual utilizamos, além da fenomenologia de Hans Jonas, aportes das recentes descobertas da arqueologia na Palestina, da sociologia do paleo-cristianismo e da retórica dos textos cristãos), será interdisciplinar. Sendo o tema o da 'unidade X diversidade' no cristianismo primitivo, nosso ponto de partida é o clássico de Walter Bauer, que revolucionou o entendimento do tema nos anos 30 e influenciou profundamente toda uma geração de teólogos e

³⁶ DODDS, E.R., **Pagan and Christian in an Age of Anxiety**, Cambridge: Cambridge University Press, 1965, também se refere à "transformação do neoplatonismo numa religião com seus próprios santos e milagres, e cita o neo-platônico Porfírio que teria publicado, aproximadamente em 270, seu "amargo" livro 'Contra os cristãos', em que deplora a progressiva substituição em Roma do culto de Asclépios por aquele de Jesus, e a velocidade com que as igrejas estavam enriquecendo e ganhando adeptos.





historiadores nos anos 50/60, quando foi traduzido para o inglês. A releitura de Bauer será contrastada com a réplica/crítica a ele movida pelo professor anglicano H.E.W. Turner nos anos 50³⁷, com a recepção do livro à época, nos comentários anexados como Apêndice por Georg Strecker, e sobretudo com a mais recente revisão da tese de Bauer efetuada por Richard Rubenstein e publicada em 2000, “When Jesus Become God: the struggle to define Christianity during the last days of Rome”³⁸.

Adotando o parecer da Universidade de Princeton, que solicita a seus alunos do Departamento de Religião que freqüentem os cursos de História de Peter Brown, por exemplo, é de extrema relevância para nossa pesquisa examinar a obra daqueles historiadores, filólogos ou filósofos que se debruçaram sobre o tema do cristianismo na antiguidade tardia. Assim, além da opulenta obra de Peter Brown, que se ocupou do cristianismo & antiguidade tardia em vários livros, nos valeremos das análises sobre as relações nascentes entre paganismo e cristianismo efetuadas por Werner Jaeger e Eric D. Dodds. Do mesmo modo, são indispensáveis alguns aportes de análise retórica de textos cristãos, como os de G Kennedy e Avril Cameron. No que diz respeito à lógica e legibilidade do texto, partiremos da aproximação neo-empirista de H D Hirsch³⁹, a mesma utilizada na tese de doutorado, pois sua ‘Hermenêutica do círculo e do traço’ permite acessar textos antigos com a devida cautela mas sem receios paralisantes. Hirsch recupera algumas credenciais de objetividade para o método de interpretação de texto ao

³⁷ **THE PATTERN OF CHRISTIAN TRUTH:** a study in the relations between orthodoxy and heresy in the Early Church, London, Mowbray, 1954.

³⁸ Richard Rubenstein, “When Jesus Become God: the struggle to define Christianity during the last days of Rome”, Harvest Books, Florida, julho 2000.

³⁹ E.D. Hirsch Jr., “Validity in interpretation”, New Haven and London, Yale University Press, 1967





advogar que a objetividade não está, como alguns hermeneutas crêem, na dependência das escolhas do intérprete, mas na dependência de certas evidências (internas e externas à obra). Uma interpretação válida pode não ser necessariamente a única correta, mas deve ser aquela que melhor atende aos quesitos das evidências. Distingue duas categorias diferentes num texto: o sentido, algo que nunca muda, e pode, sim, ser interpretado, e o significado, algo em permanente transformação. Assim, ao nos aproximarmos dos textos de Irineu e Tertuliano, estaríamos indagando seu sentido, cuja validade obedeceria às leis do entendimento, sendo, portanto, perfeitamente apreensíveis aos ouvidos do século XXI. A distância no tempo se transformaria, então, em vantagem. Pois seria graças à ela _ e não apesar dela_ que a compreensão poderia ocorrer. Parafraseando o hermeneuta Hans-Georg Gadamer⁴⁰, o que quer que um texto tenha a dizer, isso só aflorará quando ele estiver morto o suficiente para possuir interesse histórico .

6. Estado atual da questão

⁴⁰ Wahrheit und Methode, Tübingen, 1960





Desde o ano de 2002 a Ford Foundation patrocina um projeto inter-disciplinar intitulado 'Religion & Culture, Meeting the Challenge of Pluralism'⁴¹. O propósito da pesquisa é investigar a influência de diversas tradições religiosas na formação de valores sociais e instituições, com ênfase no pluralismo e convivência das doutrinas e crenças. O projeto visa, segundo seus patrocinadores, "amplificar as vozes singulares de estudiosos da religião, clérigos e ativistas, no debate público sobre religião e sociedade", e exemplifica, indubitavelmente, a extrema atualidade e agudo interesse no tema. Duas consultoras do projeto –cuja contribuição recentíssima é da maior importância para nossa pesquisa- têm trabalhado, nos últimos anos, com o tema do gnosticismo, e publicaram em 2003 duas obras que se tornaram importantes marcos no estudo sobre o tema: Karen King, professora da Harvard Divinity School, autora de 'What is Gnosticism', em 2003 e Elaine Pagels, professora da Princeton University, que recém lançou 'Beyond Belief', também em 2003⁴². Outro autor cuja publicação recente é uma marcante referência no estudo do gnosticismo é Michael Allen Williams, que publicou em 1996 o livro "Rethinking Gnosticism: an argument for dismantling a Dubious Category"⁴³.

⁴¹ O projeto conta com a participação de 23 especialistas internacionais em religiões - entre eles Karen King ('Mulheres no cristianismo antigo, Ortodoxia e Heresia & a Bíblia e os debates modernos sobre pluralismo), Elaine Pagels ('Conceitos do mal no judaísmo, cristianismo e Islã'), Andrew Lustig ('Religião, ciência e moralidade'), Diana Eck (Pluralismo religioso e tradições na Índia'), Wayne Brake ('Religião, guerra e sociedade'), Leila Ahmed ('Mulheres, Islã e América), Anne Klein ('Budismo; misticismo e vida cotidiana')

⁴² KING, K **What is Gnosticism?** Harvard University Press, 2003

PAGELS, E. **Beyond Belief, The secret Gospel of Thomas**, New York, Random House, 2003

⁴³ Princeton University Press, 1996





Embora o livro de Williams tenha sido publicado sete anos antes das obras citadas de Pagels e King sobre o gnosticismo, e seja anterior inclusive a outros trabalhos aos quais recorreremos, entre eles 'The burden of flesh', Teresa Shaw, 1998⁴⁴, suas considerações fornecem um profícuo contraponto com a perspectiva destas duas autoras, e devem ser contempladas em nossa metodologia.

Para Williams, o termo gnosticismo leva a generalizações e incompreensões, e tornou-se um mero clichê. Williams aponta para a debilidade da categoria gnosticismo a começar pelo fato dela incluir doutrinas tão assimétricas quanto o ascetismo e o libertinismo, e sugere que o termo não tem consistência como um construto tipológico, lembrando inclusive que os próprios gnósticos do séc II nunca usaram a palavra como auto-definição. Em lugar de gnosticismo, ele sugere, mais apropriado seria falar de "tradição bíblico-demiúrgica", tributária de elementos judaicos e cristãos, mas completamente independente destes. Uma das vantagens desta nova terminologia seria também excluir a conotação negativa a que o termo tem sido associado, desde a primeira vez em que foi mencionado pelo heresiólogo Irineu de Lyon como "opositores da verdadeira crença", até conotações mais recentes que associam 'gnóstico' a protesto e revolta. Ao desmontar a categoria de gnosticismo e substituí-la por "tradição bíblico-demiúrgica", Williams estaria propondo uma maior especificidade ao conceito, livre inclusive dos preconceitos da patrística e do peso pejorativo de "certos clichês que são invocados rotineiramente a qualquer menção de gnosticismo"⁴⁵.

⁴⁴ SHAW, T. **The Burden of the flesh: fasting and sexuality in early christianity**, Augsburg Fortress Press, 1998

⁴⁵ WILLIAMS, M.A., op. cit





Há vários pontos de contato entre a perspectiva de Williams e as de Pagels e King: concordância sobre a pluralidade de movimentos, seitas e doutrinas que florescem na antiguidade tardia, o mesmo intuito epistemológico de desembaraçar a categoria de ‘gnosticismo’ do preconceito que a tem acompanhado, e a hipótese, sugerida por Williams no cap. V, de que a diversidade no interior da ortodoxia cristã e desta com os gnósticos é menos indicativas de “seitas” que rompem ou irrompem e mais indicativa de “movimentos dentro da Igreja”, isto é, muito mais parte do debate interno da jovem Igreja do que de uma dissidência de nascença. Para Williams, “as ações [dos gósticos] descritas [por Irineu] como socialmente desviantes só o são se pensamos no judaísmo ou cristianismo como norma, pois do ponto de vista de um mundo maior [[o do helenismo tardio]] é melhor considerar tais comportamentos como de conformidade social, e não desvios”.

À diferença de Pagels e King, porém – e de alguns outros autores citados na bibliografia, como Filoramo⁴⁶, para Williams não há pertinência do conceito de ‘gnosticismo’ como uma categoria epistemológica, não havendo, pois, uma ‘hermenêutica’ comum, ou teoria da gnose como salvação, que pudesse dar uniformidade à diversidade dos movimentos gnósticos. King e Pagels, em suas mais recentes obras, vão discordar deste particular e debater indiretamente com Williams. Para Pagels, como veremos adiante, o que une os gnósticos, acima de tudo, é a liberdade –de interpretar, de ler os textos sacros, de conduzir sua salvação a seu próprio modo. Quanto a King, ela de certo modo inverte a fórmula de Williams e defende que a unidade doutrinária da Igreja foi construída exatamente por meio de uma diferenciação e debate com o ‘outro’gnóstico –aqui, a questão das anterioridades é outro ponto polêmico. King enfatiza que o que hoje

⁴⁶ FILORAMO, G. *L’Attesa della fine: storia della gnosi*, Roma: Editori Laterza, 1987





conhecemos por cristianismo é resultado de um grupo que conseguiu se impor com sucesso, ejetando outros grupos para a periferia.

Karen King está ministrando, neste período de 2004/2005, cursos em Harvard sobre a pluralidade e diversidade no cristianismo primitivo. Seus temas são “História do cristianismo primitivo de suas origens ao século IV”, e ‘Ortodoxia e heresia no cristianismo antigo’. Também coordena atualmente o seminário ‘História sem heresia: das origens às práticas’. Sua perspectiva sobre o cristianismo primitivo é a de que, nos primeiros séculos de formação, ele era composto por um heterogêneo conjunto de grupos, doutrinas e crenças, todas se reivindicando diretamente inspiradas por Jesus, e quase todas discordando reciprocamente em tópicos centrais. Para ela, portanto, a noção de ‘heresia’ é tardia e, em certa medida, falaciosa, pois suporia um processo unívoco cuja culminância inevitável seria o cristianismo tal qual o conhecemos hoje, o que está longe de corresponder à conturbada e eclética história do cristianismo primitivo.

King, como Williams, também hesita em adotar cabalmente o conceito de gnosticismo. Para ela, ‘gnosticismo’ é um ‘termo-biombo’ que cobre a complexa variedade dos primitivos movimentos cristãos. Nessa medida, gnosticismo e a auto-intitulada ortodoxia seriam contemporâneos e adversários siameses. Assim, se não haveria propriamente algo como uma ‘religião gnóstica’ –como também quer Williams–, o inimigo gnóstico passa a ser inventado, já no século II, como ferramenta de exclusão da multiplicidade e diversidade, como instrumento de coesão hierárquica, de expulsão do ‘outro’ por demais autônomo e, como corolário, gnosticismo passa a designar uma anti-plataforma, um espelho às avessas onde os ortodoxos vão se mirar para eliminar as imagens aí refletidas. Assim, é graças à filtragem e contraposição às crenças e sentenças gnósticas que nascerá a identidade dos grupos ortodoxos.





A abordagem de Pagels das relações entre gnosticismo e cristianismo primitivo tem várias analogias com a de King, apesar da discordância sobre a propriedade da aplicação do conceito de 'gnosticismo' a correntes que extrapolam o cristianismo. Para ambas o cristianismo nasceu multiforme; para ambas, é preciso avaliar o conceito de 'gnosticismo' sem as distorções tecidas por seus detratores históricos; para ambas, também, conteúdos gnósticos são tão precoces no cristianismo quanto o Evangelho de João e o Evangelho de Tomé, que, inclusive, ecoam este debate. Numa obra anterior, Pagels defendia que os 'evangelhos gnósticos' haviam sido condenados ao ostracismo por tentar usurpar os direitos da 'monarquia episcopal' da Igreja e criar uma religião mais igualitária⁴⁷. Em seu livro de 2003, 'Beyond Belief-the secret Gospel of Thomas', ela reitera a mesma hipótese de que os grupos gnósticos-cristãos disputaram genuinamente a liderança da nova 'Igreja' com os futuros ortodoxos e foram derrotados em boa parte graças a seu acentuado individualismo, e avança no desenvolvimento desta hipótese alinhavando aquele elemento que era comum aos mais díspares grupos gnósticos (além, naturalmente, da gnose), e mostrando que é contra este elemento, a epinoia ou imaginação criativa, que se insurgem os primeiros Padres da Igreja, sobretudo Irineu e Tertuliano. Assim, o conceito 'gnosticismo' é devolvido a seu lugar, o da inventividade e liberdade.

King ocupa a cátedra Winn Professor of Ecclesiastical History na Divinity School, lecionou previamente História do Cristianismo Antigo e Estudos do Novo Testamento. Formada em história e religiões comparadas, estudou na Alemanha com Hans-Martin Schenke, um dos primeiros editores dos manuscritos de Nag-Hammadi. Suas obras 'The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle', 'What is Gnosticism?' e 'Revelation of the

⁴⁷ PAGELS, E. **The Gnostic Gospels**, New York: Vintage Books/Random House, 1979





Unknowable God, Images of the Feminine in Gnosticism' marcaram um ponto de inflexão nos estudos sobre cristianismo primitivo e gnosticismo. King recebeu diversos prêmios de excelência em pesquisa e ensino, entre eles subvenções do National Endowment for the Humanities, do Deutsche Akademische Austauschdienst, e da Graves Foundation. Membro da American Academy of Religion, da Society of Biblical Literature, da International Association for Coptic Studies, do Westar Institute, e do Studiorum Novi Testamenti Societas,

Pagels ocupa a cátedra Harrington Spear Paine de Religião na Universidade de Princeton. Doutorada em Harvard, lecionou no Barnard College e na Universidade de Columbia, e participou da edição da Biblioteca de Nag Hammadi. Autora de 'Adam, Eve and the serpent', 'The origin of Satan', 'The gnostic Paul: gnostic exegesis of the pauline letters', seu livro 'The Gnostic Gospels' recebeu o National Book Critics Circle Award e o National Book Award em 1980. Colaboradora próxima de James Robinson, fez parte da equipe de tradutores da Biblioteca de Nag Hammadi.

